

O legado de Sílvio Coelho dos Santos

A comunidade científica está de luto. Com o falecimento do professor e antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, a UFSC e o Brasil perderam um dos seus intelectuais mais conscientes na defesa das minorias e na luta pela valorização da educação, da cultura e da ciência **p. 3**

Foto: Jones Bastos



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Novembro de 2008 - Nº 396

Sepex semeia cultura científica

A 7ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex) mostrou, mais uma vez, a riqueza, o potencial e o vigor da produção da UFSC, popularizando e semeando a cultura científica no seio da instituição. O destaque ficou para a inauguração do parque Viva a Ciência **p. 6, 7 e 12**

Foto: Vincenzo Bertì



Lonas ocuparam cerca de cinco mil metros quadrados, abrigando os mais diversos estudos e atraindo pessoas de todas as idades

Essencial

Residência Médica: etapa necessária à formação **p. 4**

.....

2009

Vestibular mantém disputa estável **p. 10**

.....

Fumaça

Sinal vermelho para os fumantes **p. 5**

.....

Outras línguas

Ombudsman com José Hamilton Ribeiro **p. 11**

.....

Arte açoriana

Boitatá no campus marca cem anos de Cascaes **p. 9**

Do Editor

Questão de transparência

“O século XXI será o século da cultura e da recriação”
(Rodolfo Konder, em *O Rio da nossa loucura*)

A Procuradoria Federal tem chamado atenção, inclusive da UFSC, para o princípio constitucional da transparência. Significa que os atos e procedimentos administrativos devem atender ao princípio da publicidade, que, naturalmente, exige integridade, retidão e probidade. Nesse sentido, conforme alerta o chefe da Procuradoria Federal na UFSC, Nilto Parma, os pareceres relacionados a concursos públicos recomendam excluir das Bancas Examinadoras docentes que, de alguma forma, “tenham relação de amizade ou mesmo maior proximidade com algum candidato”. Dito de uma forma mais clara, a participação de orientadores de dissertação ou tese, co-autores em pesquisa ou livro pode dar em anulação dos atos desses colegiados.

Aliás, na questão da transparência, o procurador e o reitor não estão sozinhos. O tema esteve no centro dos debates do XXII Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, realizado no mês passado em Brasília, quando eminentes juristas e três ministros do Supremo Tribunal Federal enfatizaram o princípio da transparência e os princípios da motivação, da eficiência e dos atos administrativos.

Ficou evidenciado que o cumprimento do princípio da publicidade não se limita à propaganda ou à simples publicização do ato. “O correto é ser transparente antes e durante a prática das ações e procedimentos administrativos, evitando, assim, o dissabor de ter que justificar depois”, advertiu o reitor Alvaro Prata.

Ou seja: em respeito ao princípio da transparência, não basta ser honesto. É preciso também parecer ser honesto.

Um próximo passo, na UFSC, deverá ser a constituição da Comissão de Ética, a exemplo do que ocorre em várias universidades brasileiras.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Navegar é preciso. Vela é atualmente o esporte preferido do vice-reitor. É no balanço do mar que o professor Paraná se inspira. Aprendeu, por exemplo, que é preciso navegar conforme o vento.

Dia do professor. “Graças ao empenho desses profissionais, a UFSC vem se aproximando, cada vez mais, daqueles que sustentam e mantêm a instituição pública, gratuita e de qualidade. São os professores, ao lado dos servidores técnico-administrativos e estudantes, os principais responsáveis pelo excelente conceito que a universidade detém hoje no País e pelo prestígio e respeito que goza junto à sociedade” (*Trecho da mensagem da Administração Central publicada na imprensa*).

Dia do servidor. “A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é um lugar bom para se trabalhar. Apesar dos salários defasados, a comunidade universitária encontra motivos de sobra para fortalecer e defender uma instituição pública comprometida, há quase 50 anos, com a transformação social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas”. (*Trecho da mensagem divulgada pela Reitoria*)

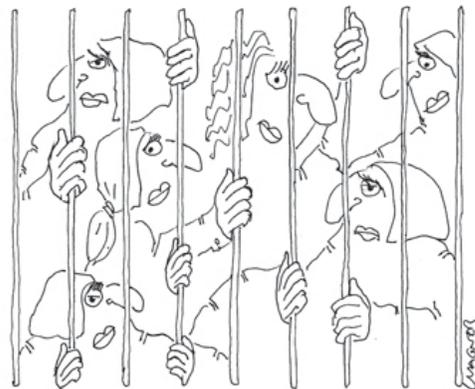
Ensaio sobre a cegueira. Na comemoração dos 60 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Lula “ficou sabendo” que os burocratas do Ibama continuam tratando os pesquisadores brasileiros como biopiratas.

Acordo burro! O novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa será implantado gradativamente até 2012. Mexendo na grafia de apenas 0,5% das palavras, a “mudança” só vai favorecer quem não sabe escrever. Os que já sabem terão que desaprender, sobretudo, a deixar de acentuar.

Na palma da mão. Livros técnicos não são, em condições normais de temperatura e pressão, muito concisos ou acessíveis no que se refere à leitura. O que parece não ser o caso de Introdução à Física Nuclear de Partículas Elementares, de Débora Peres Menezes, publicado pela EdUFSC, dentro da Série Didática. “Não há material similar em português, apesar de haver excelentes textos em inglês”, diz Débora, que possui mais de 40 trabalhos publicados em revistas internacionais indexadas e é doutora em Física Teórica pela Universidade de Oxford, Inglaterra. A autora é a atual pró-reitora de Pesquisa e Extensão da UFSC.

Não ria! Dois cientistas brasileiros, ambos da USP, ganharam o *IgNobel*. A tese dá o que pensar: “o curso de história ou, pelo menos, o conteúdo das escavações em um sítio arqueológico pode ser remexido pelas ações de um tatu vivo”...

Wagner Behr, da equipe da Agecom, inspirou-se numa manchete da *Folha*: “Em oito anos, prisões têm 77% mais mulheres”. Os dados são do Departamento Penitenciário Nacional. “A população carcerária feminina cresceu num ritmo 75% acima da masculina”, revela a pesquisa.



Amigo da UFSC. A preocupação é com os professores, técnicos e parceiros verdadeiramente comprometidos com a vida da instituição. A iniciativa pretende distinguir e reconhecer aqueles que tornam possível o funcionamento da UFSC. Sem querer direcionar, seria importante observar, independentemente de títulos e paternalismos, quem realmente vem carregando o piano, projetando, às vezes anonimamente, a nossa universidade entre as melhores do País. Não seja “amigo da onça”, participe e vote. O regulamento e demais informações podem ser acessados no seguinte endereço: www.eventos.ufsc.br/amigodaufsc/regula.html

Utilidade Pública. É bom não confundir vasectomia com aposentadoria. A primeira é reversível; a segunda não tem retorno. O aviso pega o técnico e o professor...

Feliz é o burro! Citando o alemão Kant, o filósofo francês Mc Ferry lembrou (nas amarelas da *Veja*) que, “se a felicidade fizesse parte da natureza humana, Deus não nos teria dado a inteligência”.

Frase

“Bom Dia! (ex-reitor e secretário da Educação de Florianópolis, Rodolfo Pinto da Luz, cumprimentando efusivamente os alunos do Colégio de Aplicação da UFSC presentes na abertura da 7ª Sepex, que responderam em coro).”

Memória

A ex-pró-reitora de Cultura e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, professora Maria de Nazaré Matos Sanches, 58 anos, faleceu em acidente na BR-282, em Águas Mornas, região da Grande Florianópolis. Aposentada há quatro anos, Maria de Nazaré exerceu a pró-reitoria entre 1996 e 2004 e participou da implantação da UFSC TV.



Foto: Jones Bastos



Expediente

Elaborado pela Agecom -
Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.
Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
Gabriela Santos Bazzo (Bolsista)
Isis Martins Dassow (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Júlio Ettore Suriano (Bolsista)
Letícia Arcoverde (Bolsista)
Luíza Fregapani Silva (Bolsista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Tiffany Ródio (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry
Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Rogéria D'El Rei S. S. Martins
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jojefe Comunicação e Marketing Ltda



Sílvio Coelho dos Santos: contribuições ao campo educacional catarinense

No dia 26 de outubro de 2008, não só a Universidade Federal de Santa Catarina, mas a sociedade catarinense, em especial a indígena, perdeu um de seus ardorosos defensores: o intelectual antropólogo Sílvio Coelho dos Santos (1938-2008). Sua trajetória antropológica é amplamente divulgada e conhecida, entretanto, sua contribuição à demarcação e consolidação do campo educacional catarinense, especialmente na década de 1960, formulando idéias sobre o sistema de ensino, que culminou com a elaboração do primeiro Plano Estadual de Educação, continua circunscrita àquela época. É desse intelectual que termina clamando por mais e mais educação, em sua obra "Tempos oportunos" (2007), que desejamos lembrar aqui.

Seu percurso acadêmico tem início quando, em 1960, se licenciou em História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC, e desde 1961 exerceu a mestría na instituição, como colaborador do professor Osvaldo Rodrigues Cabral, na cadeira de Antropologia. Santos acumulou experiências também na educação básica.

A década em questão traz à tona um tempo no qual Santa Catarina estava envolta com o Plano de Metas do governo I/II, um plano global de modernização proposto e colocado em prática pelos governadores Celso Ramos, na primeira etapa, e Ivo Silveira, numa segunda. Pela aplicação de recursos ao homem, ao meio e à expansão econômica, objetivava-se modernizar, industrializar o Estado. Modernização que tinha como marca a necessidade de planejar, de buscar o conhecimento científico para colocá-lo a serviço da administração pública, tarefa impensável sem enfrentar a questão educacional.

Nessa odisséia modernizadora, a educação foi tida como um fenômeno fundamental para a concretização das propostas. Para fomentar esse setor foram criadas principalmente três instituições: o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE), a Faculdade de Educação (FAED) e a então Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Na primeira é que a presença de Sílvio Coelho dos Santos foi fundamental, desde sua criação em 1963, desenvolvendo pesquisas em educação balizadas pelos parâmetros das Ciências Sociais, tônica de sua formação, até 1970, quando dela se afastou. Concomitante às atividades de ensino que desenvolvia na cadeira de Antropologia, realizava pesquisas educacionais, contribuindo para a organização do CEPE, da FAED e da UDESC.

Os primeiros movimentos para a criação do CEPE se constituíram ambiente de renovação, que tinha como fundamento as metas de governo e contava com recursos centrados para esse projeto "e uma vontade de um bocado de gente nova" (Santos, 2004). Santos, no contexto, era o sangue novo que liderava no CEPE um grupo que desenvolvia pesquisas sobre as condições da educação no Estado.

A criação do CEPE na sua concepção foi vital na ampliação do conhecimento sobre a população e a escola catarinense, o que se efetivou por meio das pesquisas em educação e da política de formação docente dentro das políticas públicas para a educação. Santos percebe que a criação do CEPE fez parte de uma estratégia dentro de uma proposta global de desenvolvimento, que a posteriori contribuiu para "quebrar aquela inércia de tradicionalismo".

Sob sua tutela foram realizados estudos e pesquisas que permitiram aprofundar os conhecimentos sobre a realidade da educação e construir planejamentos para o setor educacional com vistas à política de desenvolvimento de modo amplo. Na direção dessa instituição Santos, como mentor intelectual, por cerca de nove anos trabalhou com pioneirismo no aspecto referente ao campo da pesquisa educacional, num contexto no qual a UFSC emergia, recém-nascida, e a UDESC estava ainda em germe.

Não existia para o setor educacional a institucionalização do emprego da sistemática de métodos científicos na ação e no processo de educar. A prática educativa era pautada na autoridade tradicional, na experiência pessoal e havia uma grande resistência à introdução de procedimentos científicos, que eram relegados a segundo plano e onde os valores que fundamentavam a educação eram silogísticos, morais e políticos.

No CEPE foi diretor (1966/1970), pesquisador, assumiu funções de técnico, além de ser responsável pela ministração de cursos de Metodologia de Pesquisa Educacional e Sociologia Geral, contribuindo de modo significativo para a configuração e autonomização do campo educacional catarinense, por meio de suas produções teóricas sobre o fenômeno educacional, principalmente com duas obras referenciais: "Educação e desenvolvimento em Santa Catarina" (1968) e "Um esquema para a educação catarinense" (1970), dentre outras escritas. Nelas, Santos defende a interferência coerente como um modo de racionalizar os investimentos feitos pelo Estado e sugere transformação nos padrões tradicionais da administração pública.

Seu esforço de conhecer a situação educacional no Estado por meio da pesquisa científica se concretizou com a elaboração do primeiro Plano Estadual de Educação (PEE), que vigorou nos 1969-1980. No exercício de suas funções, participou ativamente de todos os estudos, seminários ligados à elaboração do PEE, e seu objetivo era que refletisse uma nova política educacional no Estado, corrigindo distorções administrativas e técnico-pedagógicas.

Suas contribuições ao campo educacional possibilitaram os primeiros passos na direção de colocar em desuso o acaso e as inspirações particulares segundo as diretivas e as concepções de educação de quem se encontrasse à frente das instituições educacionais de modo turbulento e paliativo. Seus "escritos de educação" daquele contexto ainda se constituem numa leitura respeitável e estimulante para se repensar a escola pública em Santa Catarina nos dias atuais.

Esse intelectual, agora silencioso em voz, torna-se audível por meio de suas produções como intelectual. Concluímos lançando mão de suas próprias palavras, no que se refere a sua função de pensador social:

Entendo que um intelectual é um sujeito comprometido com sua sociedade e com seu tempo. Ninguém poderá ser considerado um intelectual se não tiver obra expressiva. Assim, a produção escrita é fundamental para a afirmação de qualquer pessoa que deseja fazer uma carreira profissional. Se vai ser reconhecido como um intelectual só o tempo dirá. A coerência conceitual e teórica é outro ponto fundamental. Enfim, um intelectual é (ou deveria ser) um crítico de sua sociedade e ao mesmo tempo um inovador em idéias, conceitos e teorias (Santos, 2008).

Sílvio Coelho dos Santos em sua trajetória acadêmica se afirmou comprometendo-se com a sociedade catarinense e com o seu tempo. De modo coerente, por meio da produção de uma vasta obra, se colocou contra os desrespeitos aos desprivilegiados, e o tempo, sem dúvida já o reconhece, por sua postura social crítica e coerente.

Mariândes Mol Ribeiro de Melo
Mestre em Educação pela UFSC

N.R.: Sílvio Coelho dos Santos é figura central da pesquisa desenvolvida por Mariândes Mol Ribeiro de Melo, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSC, Linha Educação, História e Política, orientada pela prof. Dra. Maria das Dores Daros, defendida em abril de 2008.

Notícias do Dia.

GRANDE FLORIANÓPOLIS . 1º DE OUTUBRO DE 2008 . ANO 3 . Nº 798 . www.risc.com.br

Reforço. Monitoramento eletrônico 24h vai ganhar 140 câmeras

Mais segurança no campus da UFSC

Até o final do ano, mais 140 câmeras de monitoramento eletrônico serão instaladas no campus da Universidade Federal de Santa Catarina. Os novos equipamentos vão se somar aos 600 já instalados na área, onde circulam mais de 30 mil pessoas e 10 mil carros são estacionados por dia. **Página 8**



O tema mereceu recentemente a capa do jornal *Notícias do Dia*

Universidade segura

Florianópolis, como outras cidades brasileiras, tem problemas relacionados à segurança noticiados diariamente nos diversos meios de comunicação. A segurança, não só no interior das Instituições Públicas de Ensino Superior – IPES, mas no Estado brasileiro, de uma maneira geral, tem provocado reações de temor da população e discussões por parte de autoridades e trabalhadores especialistas na área.

O campus da Universidade Federal de Santa Catarina não é uma ilha, seus problemas internos são reflexos de uma sociedade desigual. No interior do campus da Trindade circulam em média 40 mil pessoas por dia, sendo que este é circundado por bairros com alta densidade populacional e sérios problemas sociais, alguns deles com altos índices de violência sobretudo alimentados pelo tráfico de drogas.

Sabe-se que o controle da violência não necessita apenas de investimentos em repressão, ou ação policial, porém é necessário se dar uma resposta imediata à sociedade, implementando ações que resultem numa redução de riscos e aumento da sensação de segurança no interior do campus universitário, investimentos estes que priorizem a segurança das pessoas e do patrimônio público.

Nos últimos meses a equipe do Departamento de Segurança Física e Patrimonial (DESEG) da UFSC, juntamente com ações desencadeadas pela administração central, tem priorizado atividades preventivas no combate as ocorrências no interior do campus, sobretudo voltadas para a proteção das pesso-

as, investindo na ampliação do sistema de alarmes e monitoramento por imagens, aumento das rondas pelo campus, bem como efetuando levantamento de locais propícios a ações de marginais e de pessoas envolvidas em delitos que costumemente freqüentam o campus.

Com as atribuições determinadas na Lei 11.0091/2005, nossos seguranças, além de rondas nas dependências da UFSC, também realizam investigações de diversas ocorrências, tendo uma efetividade comprovada nas diversas detenções ocorridas nos últimos dias, bem como na recuperação, inclusive, de patrimônio particular, como por exemplo veículos, bicicletas, celulares, dentre outros.

Neste sentido buscamos investimentos em novos equipamentos, tais como viaturas, melhoria no sistema de iluminação, aquisição de uniformes e valorização da equipe de trabalho, com a implantação de cursos específicos na área de segurança, incentivando a participação da equipe. Além disso, contamos também com apoio das Polícias Federal, Civil e Militar.

Estas são algumas das ações que propiciam mais tranquilidade e segurança para os usuários e auxiliam a Universidade Federal de Santa Catarina a cumprir seus objetivos de ensino, pesquisa e extensão.

"Segurança é direito de todos, e por todos deve ser exercida e respeitada. Se cada um fizer a sua parte o objetivo será mais facilmente alcançado".

Leandro Luiz de Oliveira
Vigilante/ Diretor do DESEG/UFSC

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Residente, o médico-aprendiz

Instituída por decreto durante a ditadura, nos anos 70, a residência dura de dois a cinco anos e é considerada a segunda etapa da formação do médico

Mayara Vieira
Bolsista de Jornalismo

Durante os seis anos de Medicina, o estudante tem uma visão geral da área em que vai atuar. O futuro médico conhece os problemas de saúde mais frequentes da população, o processo saúde-doença, a realidade social e os aspectos éticos que envolvem a atuação profissional. O curso de residência é uma das especializações das quais os profissionais mais sentem necessidade depois que se formam. "Considero a oportunidade de treinamento em serviço, oferecida pela residência médica, de grande importância para a formação do médico, pois permite o aprimoramento teórico-prático, sob supervisão", afirma Robson Lima Ribeiro, médico residente do HU.

Após seis anos na graduação do curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Priscila Echevarria recebeu o diploma em 2004. Já estava formalmente pronta para o exercício da profissão, mas, em busca de aprimoramento, iniciou a residência médica em pediatria no Hospital Univer-

sitário da UFSC. "A especialização me permite atuar na área que eu gosto e ao mesmo tempo proporciona o aperfeiçoamento profissional", afirma ela.

A residência é uma segunda etapa de formação, em que há o aprofundamento de conhecimentos e habilidades no campo de uma das 53 especialidades médicas existentes, segundo o vice-presidente do Conselho Federal de Medicina, Antônio Gonçalves Pinheiro. O período de treinamento pode durar de dois a cinco anos, dependendo da especialidade.

A residência médica foi instituída por decreto em setembro de 1977. Desde então, instituições de saúde, universitárias ou não, credenciadas pela Comissão Nacional de Residência Médica, recebem profissionais para programas de treinamento sob a supervisão de médicos especialistas. No Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago, o HU da UFSC, a primeira residência foi implantada em 1987 com o programa de Clínica Médica. A partir daí, o número de programas oferecidos foi aumentando. Os mais recentes, criados em 2006, são Dermatologia, Ginecologia e Obstetrícia, Hematologia e Hemoterapia.

A UFSC é uma das instituições que mais formam médicos especialistas em Santa Catarina. Logo atrás do Hospital Municipal de São José (Joinville) e do Hospital Celso Ramos (Florianópolis), o HU ocupa o terceiro lugar em número de vagas oferecidas para residência no Estado – são, em média, 30 por ano. Atualmente, ele treina 75 profissionais em 16 cursos credenciados. Além desses, o Centro de Ciências da Saúde da universidade oferece residência em Medicina da Família, com seis vagas por ano.

Foto: Paulo Noronha

Graduação é apenas o começo

Para ser admitido em programas de residência, o profissional passa por um processo de seleção estabelecido pela instituição de saúde e aprovado pela Comissão Nacional de Residência Médica. Cursos de especialidades como Dermatologia, Pediatria e Ginecologia caracterizam-se pelo acesso direto. Já programas como os de Cardiologia e Cirurgia Especializada exigem outras residências como pré-requisito. Robson Ribeiro, formado pela UFSC em 2002, já cursou dois anos de Clínica Médica, mais dois de Neurologia e agora está no segundo ano de residência em Medicina Intensiva. "A especialização permite o aperfeiçoamento profissional e possibilita ao médico trabalhar na área em que tem maior interesse e afinidade", acrescenta.

Provas técnicas, ética e relacionamento

O médico residente dedica em média 60 horas semanais ao treinamento em serviço. A avaliação do profissional em treinamento pode ser feita por meio de provas ou por verificação de desempenho. Além das habilidades técnicas, são observados o comportamento ético, relacionamento com a equipe e com os pacientes e o interesse pelas atividades.

A remuneração pelo serviço prestado é feita por meio de uma bolsa fixada nacionalmente pelo Ministério da Educação (MEC) em R\$ 1.916,45. No caso do Hospital Universitário (UFSC), os residentes recebem R\$ 1.646,86 devido aos descontos do INSS e do imposto de renda (IRPF).

Como médico, portador de um registro profissional, o residente é responsável por seus atos. No entanto, a situação de médico-aprendiz requer o aval do professor supervisor para todas as condutas.

O HU é o único hospital do Estado que oferece as residências em Dermatologia, Cirurgia Plástica, Endocrinologia e Pneumologia. Vinte hospitais catarinenses integram a Comissão Estadual de Residência Médica (Cermesc) e neles podem ser encontradas 49 especializações médicas. Entre 1987 e 2008 já foram formados no HU/UFSC 368 médicos especialistas.

Mais informações: 3721-8059.

Duração de cada residência

Cirurgia Geral - 2 anos

Cirurgia do Aparelho Digestivo - 2 anos

Cirurgia Plástica - 3 anos

Cirurgia Vascular - 2 anos

Clínica Médica - 2 anos

Dermatologia - 3 anos

Endocrinologia - 2 anos

Gastroenterologia - 2 anos

Hematologia e Hemoterapia - 2 anos

Medicina Intensiva - 2 anos

Neurologia - 3 anos

Pneumologia - 2 anos

Ginecologia e Obstetrícia - 3 anos

Patologia - 3 anos

Pediatria - 2 anos

Radiologia e Diagnóstico por Imagem - 3 anos

Fecha-se o cerco aos fumantes

Dados mostram que hoje um terço da população mundial mantém o vício

José Antônio de Souza
Jornalista na Agecom

A temporada de "caça às bruxas" fumegantes tem constrangido milhões de pessoas em todo mundo. Políticos, sociedade e vítimas dos efeitos do tabagismo são os mais ferrenhos defensores da restrição de espaço para fumantes. Em Santa Catarina, a situação não é diferente. No Palácio Barriga Verde, o governador Luiz Henrique da Silveira pretende seguir o mesmo caminho do colega paulista, José Serra, que já tem projeto tramitando para proibir o fumo em locais fechados.

Mas o professor Joel Santos de Souza, que coordena desde 2002 o curso "Como Deixar de Fumar em Cinco Dias", envolvendo profissionais de várias áreas, disse que não é por decreto que esse problema vai ser resolvido. "Fumar é uma doença, resultado de problemas psicológicos, sociais, de ansiedade, entre outros,

tantes. "Na verdade, o tabagismo não dá vida, nem poder, nem sucesso", salienta. "Há falta de sensibilidade por parte das pessoas que tratam desse assunto. O fumante não é um objeto a ser eliminado", desabafa Souza. Ele defende campanhas preventivas nas escolas, envolvendo a família, no sentido de conscientizar as pessoas; e isso poderia envolver a própria polícia, devidamente treinada.

O pesquisador Rogério Guerra, do Departamento de Psicologia da UFSC, observou que o jovem é levado ao fumo por imitação aos mais velhos ou aos líderes. O efeito inicial da nicotina é terrível, causando enjôo e mal-estar. Mas a imitação social é mais forte, fazendo com que o jovem repita a experiência. A nicotina, explica Guerra, estimula a produção de neurotransmissores causadores da sensação de prazer, o mesmo bem-estar sentido depois de uma gostosa refeição. O fumo

que inibe o fumante é a pressão social que dificulta o relacionamento na escola ou no trabalho, onde o fumo não é tolerado. Já o professor de Direito Constitucional João dos Passos Martins Neto, da UFSC, diz que a lei maior do país não é específica nesse aspecto, transferindo para o legislador a responsabilidade sobre o assunto.

Segundo Neto, em Nova Iorque, por exemplo, as pessoas são livres para fumar nas calçadas e nas residência. Na França, a medida é a mesma. "Talvez a legislação brasileira queira seguir a mesma filosofia de outros países", disse. Na opinião de Martins, a legislação não impede o fumante dessa prática, pois o direito de autonomia o garante. "Não se pode permitir que o efeito do fumo se estenda a outros. O ente jurídico está sendo criado para proteger a saúde do cidadão, uma vez que o ato de fumar perto de pessoas produz efeitos nocivos a ele e a outros. A solução é criar uma legislação que busque o equilíbrio", acrescenta João dos Passos.

A Organização Mundial de Saúde considera o tabagismo uma doença pediátrica. Isso porque estudos realizados por especialistas revelam que a maioria dos fumantes experimenta seu primeiro cigarro e se torna dependente antes dos 18 anos. A idade média de iniciação é aos 15 anos. Por outro lado, os estudos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas (Cebrid) em 1997 e 2004 mostraram um aumento do consumo de cigarros na faixa etária de 10 a 12 anos de idade, em Fortaleza. Na faixa etária de 16 a 18 anos, houve aumento da tendência de uso de tabaco em Brasília, Fortaleza e Recife. Finalmente, entre os estudantes com idade superior a 18 anos, houve aumento em Curitiba e Porto Alegre.

Já a médica pneumologista do Hospital Universitário Leila Steidle, citando pesquisa realizada pelo próprio Cebrid, destaca que a maior porcentagem de uso frequente do fumo na chamada idade pediátrica foi constatada na região Sul (4,6%), com maiores índices em Porto Alegre (7,2%) e Florianópolis (6,9%). A média de idade, comparando com os consumidores de bebidas alcoólicas (12,8 anos), foi de 12,5 anos. Uma das razões para que as pessoas ingressem no vício ainda na juventude é o fato de que o cigarro brasileiro é um dos mais baratos do mundo. Não por acaso que as populações mais pobres são as que apresentam maiores índices de consumo do produto.

Steidle alertou ainda que no Brasil o tabaco é responsável por 200 mil mortes por ano. Em seus oito centímetros de extensão, o cigarro carrega mais de 4.700 substâncias tóxicas, como nicotina, monóxido de carbono e o alcatrão, que é constituído por aproximadamente 48 substâncias pré-cancerígenas. Essas toxinas são também responsáveis por irritações nos olhos, nariz e garganta, além de paralisia dos movimentos dos cílios respiratórios (dos brônquios). O fumo responde por cerca de 50 outras doenças como o enfisema e Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica, a DPOC, como a Bronquite Crônica, e diversos tipos de câncer. Dos 80% dos fumantes que tentam parar, somente 3% conseguem.

Leila Steidle observou que a pessoa que mantém contato com quem fuma, o chamado fumante passivo, também corre risco porque sofre os efeitos imediatos da poluição ambiental provocada pela fumaça, como irritação nos olhos, manifestações nasais, tosse, dor de cabeça e aumento de problemas alérgicos, principalmente das vias respiratórias e aumento dos problemas cardíacos, especialmente a elevação da pressão arterial e angina (dor no peito). Outros efeitos a médio e longo prazo são a redução da capacidade funcional respiratória (o quanto o pulmão é capaz de exercer a sua função), aumento do risco de ter arterosclerose e elevação do número de infecções respiratórias em crianças.

A indústria tabagista tem sido mais eficaz do que os políticos que querem tratar o assunto pela lei

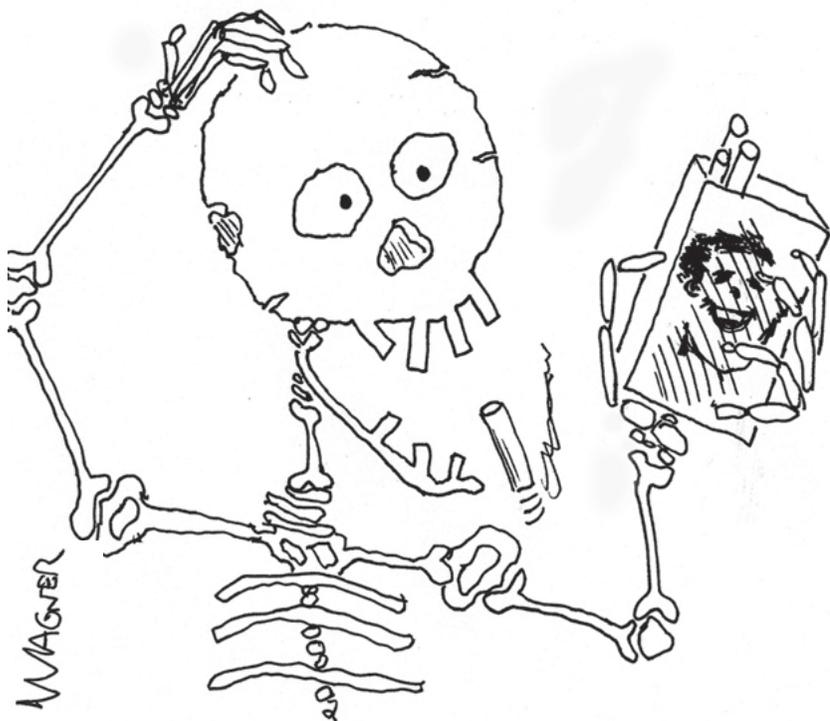
em que as pessoas buscam no cigarro a solução. As mulheres sofrem ainda mais os efeitos da nicotina porque o seu organismo torna-se sede de hormônios, especialmente no ciclo menstrual. Por isso não é fácil deixar de fumar. A legislação exclui, repudia e trata o fumante de forma desumana".

Por outro lado, a indústria tabagista tem sido mais eficaz do que os políticos que querem tratar o assunto pela lei. Elas investem pesadamente nos pré-adolescentes, "clientes de longa vida", criando campanhas, vinculando o cigarro ao sucesso nos esportes, nas profissões de destaque e nas conquistas impor-

funciona como um antídoto às pessoas psicologicamente fracas ou com a personalidade em formação. Elas buscam no cigarro amparo para o nervosismo, a ansiedade e a insegurança.

A eliminação do vício é um processo gradativo de diminuição da ação da nicotina no organismo. A síndrome da abstinência faz a pessoa querer fumar ainda mais. A dependência acentuada leva ao aumento da debilidade do corpo, facilitando o aparecimento de diversos tipos de enfermidades. Há quem consiga parar o fumo espontaneamente, enquanto outros necessitam de tratamento. Outro aspecto

Os números do tabagismo



- * **200 mil mortes** por ano no Brasil (23 pessoas por hora);
- * **30 % da população** adulta do Brasil fuma, segundo a Abifumo;
- * Quem fuma **mais de 20 cigarros** por dia vive, em média, **22 anos a menos**;
- * A OMS apurou que em 98 havia no mundo **700 milhões de crianças fumantes passivas**;
- * **7 a 9 segundos** é o tempo gasto pela nicotina para chegar **ao cérebro**.
- * A OMS estima que **1/3 da população mundial adulta fuma**, isto é, 1 bilhão e 300 milhões de pessoas. **80%** delas vivem em **países pobres**.

Saber compartilhado

Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão ajuda UFSC a cumprir sua missão de socializar o conhecimento

Arley Reis

Jornalista da Agecom

A UFSC compartilhou no mês de outubro com a comunidade suas ações de ensino, pesquisa e extensão. Integrada à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, a universidade fez do campus universitário um grande palco para demonstração de suas atividades. Ao organizar e abrir à visitação uma estrutura de cerca de cinco mil metros quadrados, em frente à Reitoria, com mais de 100 estandes e dois mil painéis, e oferecer quase seis mil vagas em 200 cursos de curta duração, mostrou como sistematiza e transfere o conhecimento que nasce em seus laboratórios e salas de aula. A partir dessa estratégia, a sétima edição de sua Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex) materializou mais um momento da universidade direcionado à missão de socializar o saber.

Em sintonia com o tema da Semana

Nacional de Ciência e Tecnologia (este ano "Evolução e Diversidade"), servidores técnico-administrativos, docentes e estudantes uniram-se no esforço de mostrar o quanto é diversificada a Universidade Federal de Santa Catarina. A rotina acadêmica foi alterada e escalas de atendimento foram organizadas para que escolas da Grande Florianópolis e também de cidades distantes fossem recebidas. Para que pais e filhos, jovens e adultos pudessem vivenciar o que o ambiente universitário oferece.

As atividades, organizadas nas áreas de comunicação, cultura, educação, meio ambiente, saúde e tecnologia, movimentaram o campus universitário. No grande "circó" da Sepex o visitante degustou alimentos e participou de pesquisas para desenvolvimento de produtos que buscam saúde para o consumidor. Conheceu um pequeno veículo com um sistema computacional embarcado, capaz de realizar manobras de estacionamento automaticamente –

e assim teve contato com o potencial da área de controle e automação. Também recebeu orientações sobre a importância da atividade física para a saúde e sobre saúde bucal.

A universidade mostrou como oferece gratuitamente atendimento multidisciplinar ao paciente portador de deformidade facial e como tornou-se referência na detecção de doenças tropicais como Chagas e Leishmaniose. Demonstrou o trabalho de cultivo de hortaliças na água, através da hidroponia, e ao mesmo tempo como vem estudando as possibilidades do governo eletrônico.

O visitante também pode conhecer o potencial das florestas tropicais e estudos que buscam o aproveitamento e manejo de diferentes espécies; a importância das interações entre plantas e insetos da Mata Atlântica, a beleza e riqueza do solo e de estratégias como o Pastoreio Voisin, voltado a uma sistema agrário mais sustentável. Teve contato com projetos que buscam a ges-

tão da água e tratamento descentralizado de esgotos, o aproveitamento da madeira de florestas plantadas – ação estratégica em tempos de aquecimento global. A universidade também evidenciou como seus estudos buscam a melhoria da qualidade da construção civil de da moradia popular, como produz conhecimento e tecnologias para um crescimento mais adequado das cidades.

E no mesmo espaço em que ressaltou a importância do trabalho de grupos de pesquisa consolidados, que fazem da UFSC uma das grandes universidades da América Latina, a Sepex destacou projetos de jovens cientistas - alunos de graduação que ingressam no mundo da ciência por meio das bolsas de iniciação científica. Finalmente a UFSC marcou mais uma edição de seu principal evento de integração com a sociedade com a inauguração de oito grandes brinquedos interativos que são o "embrião" do Parque Viva a Ciência. As imagens ajudam a registrar todos esses momentos.

A diversidade das atividades acadêmicas foram apresentadas em mais de 100 estandes, organizados nas áreas de comunicação, cultura, educação, meio ambiente, saúde e tecnologia



A qualidade de vida também foi valorizada no trabalho da terceira idade, que recebeu o público contando histórias e com apresentações de danças folclóricas



A Sepex reúne pessoas de todas as idades, que mostram interesses por diferentes áreas de conhecimento. A interatividade movimentou os estandes que oferecem serviços e curiosidades aos visitantes

Atrações para todas as idades

Estandes e painéis



Histórias e danças

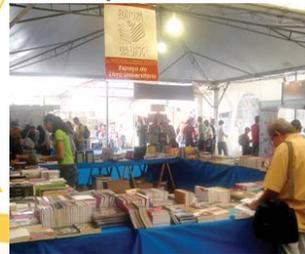


Minicursos



Foto: Laís Mezzari/ Agência Ensaio Fotojornalismo

Literatura e hipermídia



O livro esteve presente nos espaços da Editoria da UFSC e da Biblioteca Universitária. Também na conversão das obras para a internet, no trabalho do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística, responsável por um dos maiores acervos digitais do país na Biblioteca Digital de Literatura

Quase 6 mil vagas foram abertas em 200 cursos gratuitos de curta duração. A variedade de temas dá uma idéia da abrangência dos campos trabalhados na instituição: linguagem das histórias em quadrinhos; conservação de acervo museológico; análise de alimentos transgênicos; bem-estar animal; aproveitamento de resíduos da palmeira real; controle de gorduras trans; homeopatia e fitoterapia veterinária; diversidade e evolução biológica; fontes de financiamento da pesquisa; funcionamento cerebral e meditação; internet para iniciantes; governo eletrônico; morte e luto: possíveis perspectivas foram apenas algumas das opções

A UFSC inaugurou durante a Sepex um pequeno parque de ciência ao ar livre. São oito equipamentos interativos, localizados entre o Planetário e o Observatório Astronômico. Permanente, o espaço está aberto à visitação, que deve ser agendada no site do projeto "Venha Conhecer a UFSC": www.venhaconhecer.ufsc.br. O espaço é um embrião do parque de ciência que deverá ser construído em Florianópolis, no aterro da Baía Sul

Parque Viva a Ciência



Fotos: Jones Bastos, Paulo Noronha, Vincenzo Berti e Cláudia Reis



“Toda pessoa tem o **direito** de conhecer as grandes teorias da ciência”

A UFSC recebeu em sua Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão o coordenador geral da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Ildeu de Castro Moreira. Diretor do Departamento de Popularização e Difusão da Ciência, ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, Ildeu está à frente de um amplo programa nacional que tem como um dos carros-chefe o apoio à implantação de parques e museus de ciência. O embrião do Parque Viva Ciência, inaugurado na UFSC durante a Sepex com a abertura à população de oito brinquedos interativos, é uma destas iniciativas – outras 40 estão em andamento no País. Membro do Conselho Nacional de Política Cultural, o físico que já foi editor científico da revista Ciência Hoje e membro de comitês editoriais de várias outras publicações científicas, falou à Agecom sobre o desafio da popularização do conhecimento

Arley Reis
Jornalista da Agecom

O apoio a museus e parques de ciência, como o que está sendo inaugurado na UFSC, é uma das frentes de trabalho de seu departamento. Como está a implantação de espaços do gênero no País?

Ildeu de Castro Moreira: Imagino que a gente tenha em torno de 40 projetos com esse caráter. Está sendo formatado um projeto grande no Amazonas e o professor Enio Candotti, da SBPC, se transferiu para lá para acompanhar esse processo. Atualmente temos o Museu Paraense Emílio Goeldi, mas ainda não contamos com um museu de grande porte de história natural da Amazônia. Estamos também discutindo há muitos anos o museu de história natural de Brasília - estes dois são de porte maior.

Mas temos diversas outras iniciativas em capitais e também em cidades do interior – interior de São Paulo, do Nordeste. Tanto que temos dentro do plano 2007-2010 do Ministério de Ciência e Tecnologia uma linha específica para apoio a museus de ciência. Também temos procurando ampliar estes financiamentos buscando parcerias com o Ministério da Educação, a iniciativa privada e as fundações de apoio nos estados. Mas é importante também o pessoal das universidades se articular para construir boas propostas.

Apesar do crescimento expressivo destes espaços nos últimos anos, há levantamentos que indicam que um número muito pequeno de brasileiros visita algum centro ou museu

de ciências a cada ano. Em outros países a relação com estes espaços é mais intensa?

Ildeu de Castro Moreira: Na pesquisa que fizemos no final de 2006 no País, somente 4% das pessoas disseram que já foram a um museu ou parque de ciência. Claro que há um grau de incerteza grande neste número, mas na Europa o valor é cinco vezes maior. Nos países nórdicos, a educação informal também é muito importante, muito valorizada, para renovar a escola, para criar uma cultura científica. E por trás dessa pesquisa há outro dado importante: quando perguntamos ao brasileiro porque ele não vai a um local desse tipo, dois terços responderam que não têm acesso. Ou seja, as pessoas não vão porque não existe opção na região ou é muito longe.

A concentração de museus em algumas áreas é também reflexo da desigualdade na distribuição da riqueza, dos recursos em ciência e tecnologia e dos bens educacionais. O que perde uma pessoa que não tem acesso a estes espaços?

Ildeu de Castro Moreira: Esses espaços são instrumentos importantes para a criança, para o jovem, para a família construir uma relação com a ciência, para que esse assunto faça parte das discussões em casa. Os professores também encontram um espaço para renovação. As pessoas não se dão conta, mas o museu mais visitado no país não é um de artes, mas o de ciência da PUC, do Rio Grande do Sul. E isso mostra o potencial que temos. Aqui em Florianópolis, por exem-

plo, além de atender a população local, a implantação de um museu como está planejado para o aterro da Baía Sul será importante para o turismo, é um chamariz, uma alternativa à praia.

Com o início do funcionamento do Grande Colisor de Partículas, a física e a ciência ganharam espaço considerável na mídia. Qual sua avaliação dessa cobertura e sobre a presença da ciência na mídia de forma geral?

Ildeu de Castro Moreira: A mídia brasileira em geral cobre a ciência como notícia. A TV cobre até bastante temas de ciência e tecnologia. A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, por exemplo, sai nos jornais, a Sepex de vocês também. Mas é sempre uma cobertura muito factual. O que a gente tem pouco são programas continuados de ciência. Hoje temos também o uso do rádio e chegamos a ter 30 a 40 programas de ciência nesse veículo, mas ainda precisamos usar mais o rádio, um grande veículo para debate de temas controversos, por exemplo.

De maneira geral, a mídia abre espaço, mas muito menos do que poderíamos ter. A pesquisa que fizemos mostra que as pessoas têm muito interesse nos assuntos de ciência, empatando com esporte. Mas isso não se reflete na mídia. Nós ainda precisamos fazer um grande esforço. Com a *TV Brasil* vamos criar um programa num horário em que as pessoas assistam, e não em horários marginalizados, como aos finais de semana, às 7 da manhã.

Precisamos também contar com programas interessantes. Não adian-

ta fazer programa só de cientista falando, que às vezes fica aborrecido. É um ponto em que as universidades poderiam ajudar muito, criando cursos de jornalismo científico. As escolas de comunicação igualmente precisam abrir mais espaço para esse assunto - e os cientistas também devem fazer cursos de comunicação. A universidade tem um papel importante a cumprir nesse sentido.

Quais são hoje as principais motivações para a popularização da ciência e tecnologia?

Ildeu de Castro Moreira: A ciência está cada vez mais permeando nossa vida. A tecnologia que temos em nossas casas é síntese de muitas importantes ações no mundo da ciência, da pesquisa, e é importante que as pessoas tenham conhecimento básico sobre estas questões. Estamos cada vez mais formando doutores e alcançando bons números de publicações em periódicos internacionais, mas isso não basta.

Precisamos elevar em média o conhecimento da população, para colaborar com a formação de uma visão de mundo. As crianças e os jovens têm direito de conhecer as grandes teorias científicas. Estamos em 2008 comemorando os 150 da Teoria da Evolução, um conhecimento fundamental para entendimento da vida no Planeta Terra. Toda pessoa tem o direito e deve ter a oportunidade de conhecer as grandes teorias da biologia, da física, da matemática. A divulgação ainda tem o papel de atualizar a população e colaborar com sua visão crítica, com a construção de uma cultura científica.

Foto: Jones Bastos

“Esses espaços [os museus de ciência] são instrumentos importantes para a criança, para o jovem, para a família construir uma relação com a ciência, para que esse assunto faça parte das discussões em casa. Os professores também encontram um espaço para renovação. As pessoas não se dão conta, mas o museu mais visitado no país não é um de artes, mas o de ciência da PUC, do Rio Grande do Sul”





Furtuoso: necessidades ajustadas de acordo com a demanda

Mara Paiva
Jornalista na Agecom

Dinamismo é a marca que a Pró-Reitoria de Infra-Estrutura da UFSC (Proinfra) vai precisar mais do que nunca imprimir durante a gestão Prata/Paraná (2008/2011), pois grande parte da demanda do Programa de Reestruturação das Universidades (Reuni) envolve setores presentes em sua estrutura. O Reuni, de acordo com o Ministério da Educação, deverá injetar até o ano de 2011 cerca de R\$ 2 bilhões nas universidades públicas federais, recursos que em Santa Catarina vão garantir a expansão da abrangência da UFSC, com a instalação de novos campi em Curitiba, Joinville e Araranguá.

A facilidade de negociação com a Secretaria de Planejamento da UFSC (Seplan) deixa o pró-reitor da Proinfra, João Batista Furtuoso, tranquilo em relação ao orçamento: "As necessidades são ajustadas de acordo com a demanda e negociadas com a Seplan. Os recursos mínimos estão definidos e as condições de negociar são facilitadas". E não poderia ser de outra forma, considerando que compete à Proinfra a administração de setores como o Escritório Técnico Administrativo (Etusc), responsável por projetos e edificações; o Núcleo de Processamento de Dados (NPD), centro operacional das tecnologias de informação da UFSC; a Prefeitura Universitária (PU), que garante a manutenção e conservação do patrimônio, bem como a execução de pequenos serviços de engenharia, além da conservação das áreas verdes do campus; a Vigilância,

Fase de expansão das IFES faz Proinfra suar a camisa

A responsabilidade por órgãos diretamente envolvidos no processo de expansão das universidades exige que a equipe da Pró-Reitoria de Infra-Estrutura arregace as mangas

uma área cada vez mais requisitada no dia-a-dia da instituição; e, a partir desta gestão, a Biblioteca Universitária, ponto de partida na construção dos saberes.

Atenta à revitalização presente na proposta do Reuni, a Universidade se preparou e, no último concurso público, reforçou as equipes. Para o Etusc, setor que de acordo com Furtuoso terá um trabalho bastante intenso e onde o pessoal está totalmente envolvido no processo de ampliação da UFSC, vieram três engenheiros e dois arquitetos. Para a Biblioteca Central, quatro bibliotecários e dois arquivistas. Para o Departamento de Material e Serviços Gerais, mais dois assistentes de administração e três arquivistas. O NPD abriu vagas para 12 analistas, mas a seleção deixou um pouco a desejar e só 13 concorrentes foram aprovados, dos quais apenas dez tomaram posse.

Plano Estratégico - A Proinfra estabeleceu um planejamento com 16 estratégias que devem nortear suas ações. Em apenas cinco meses de gestão é possível observar o comprometimento do órgão na realização destas metas.

Segurança do Campus - A segurança é uma das áreas que vêm recebendo atenção especial. Com o objetivo de conhecer as carências e expectativas do setor, foi realizada uma avaliação visando à melhoria dos instrumentos e procedimentos relacionados à ocupação territorial e à segurança pessoal e patrimonial na instituição. Ações como a instalação de várias câmeras no campus respondem à expectativa da comunidade frente a violência e criminalidade presentes no atual momento do País. Uma destas câmeras, da marca Domus, está posicionada no estacionamento entre o Hospital Universitário (HU) e o Centro de Ciências da Saúde (CCS), um local onde havia registros de muitos roubos e furtos. Também a atuação de pessoas cuidando de carros (flanelinhas) junto aos bancos e no HU está sendo coibida, e o pessoal que trabalha como vendedor ambulante e lavando carros no campus teve a situação regularizada junto à administração central.

Para valorizar os trabalhadores que desempenham a função de segurança no Departamento de Segurança Física e Patrimonial (Deseg) da Uni-

versidade, a primeira ação da Proinfra foi a condução de um servidor, Leandro Luiz de Oliveira, do quadro de vigilantes para a direção do setor. Além disso, uniformes completos foram adquiridos, e dois veículos novos acrescidos à frota. A necessidade de capacitação de pessoal é um outro item presente no planejamento para o setor, apresentando como ação em 2008 a oferta de um curso de preparação para agentes patrimoniais.

Compromisso com a Educação - A Biblioteca do campus entrou para a estrutura da Proinfra na atual gestão. Furtuoso se mostra satisfeito com a responsabilidade de atuar na administração central da BU, e afirma que "ela merecerá uma atenção especial da administração geral, pois representa um ponto fundamental para a formação dos estudantes". Destaca ainda que é a única área voltada ao ensino em que o órgão atua diretamente. As ações definidas para a Biblioteca Universitária se direcionam ao desenvolvimento pessoal e profissional dos servidores que atuam no setor, organização e mudanças nas rotinas, infraestrutura, tecnologia da informação, ampliação de serviços e de recursos financeiros, ação político-cultural e disseminação da informação e da comunicação.

A sintonia entre os dois órgãos está afinadíssima e várias ações concretas podem ser observadas. Em termos de infraestrutura, merecem destaque a reabertura da Biblioteca Central até às 21h45, a melhoria na iluminação externa, a instalação de 16 câmeras destinadas ao monitoramento eletrônico, a instalação do laboratório de treinamento para capacitação de usuários, a atualização da programação visual e a instalação do ambiente de educação inclusiva.

Excelência para as tecnologias de informação - No Núcleo de Processamento de Dados (NPD), a Proinfra mantém os olhos voltados para o futuro e investe em planos de contingência para evitar um possível apagão. Atento ao fluxo acelerado com que surgem as novas tecnologias, a Pró-Reitoria definiu como prioridades do NPD adquirir ferramentas atualizadas para manutenção da redeUFSC, expandir a cobertura e estruturar os serviços de

wireless (comunicação sem fio) no campus e unidades remotas, atualizar os switches (equipamento que permite a conexão de computadores em rede) de acesso à redeUFSC, atualizar a infra-estrutura de backbone (conjunto de equipamentos que faz a conexão da internet entre o Brasil e o resto do mundo), especialmente nos pontos de distribuição.

Por manter um estreito relacionamento com a área de informática, o pró-reitor consegue dimensionar a relevância do serviço de rede no dia-a-dia da instituição. A Proinfra está atenta e atuante também quanto à necessidade de melhorar os índices de disponibilidade da redeUFSC, responder com maior rapidez as falhas e incidentes de segurança, consolidar e virtualizar os servidores no dataCenter do NPD, ampliar o fornecimento de indicadores gerenciais a todos os níveis da administração, informatizar os principais processos da instituição e ampliar o serviço de telefonia IP a todas as unidades da UFSC.

Imprensa Universitária - Responsável pela qualidade dos impressos produzidos pela UFSC, a Imprensa Universitária aguarda conclusão de processo de licitação para adquirir duas impressoras off-set da Sharp, uma ARM700 para impressões em preto e branco com capacidade de imprimir 70 cópias por minuto, e uma colorida BC320 que imprime 32 cópias por minuto, e também uma máquina de costurar livro automática e uma máquina de dobra automática.

Novas Instalações para a PU e o Biotério - Para a Prefeitura do Campus, setor responsável por uma intensa demanda de serviços no campi da UFSC, a Proinfra deve entregar novas instalações que irão permitir o funcionamento em um único local dos seus diversos setores. De igual forma, o Biotério aguarda conclusão de processo licitatório para dar início a construção de novas instalações.

Setor de Compras da UFSC - O Departamento de Material e Serviços Gerais (DMSG) também deve se mudar para novas instalações, uma medida que procura motivar os servidores, ampliar o espaço e garantir maior segurança na conservação do patrimônio da UFSC.

Laboratório aproxima estudantes e empresas do mercado de capitais

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Desde o início de setembro, a UFSC conta com um instrumento muito útil nesses tempos de crise dos mercados pelo mundo a fora. Foi inaugurado no Centro Sócio-Econômico o Laboratório de Mercado de Capitais (Labmec), criado para aproximar o meio acadêmico das empresas e dos profissionais do mercado financeiro em Santa Catarina e no país. A inauguração contou com a presença do gerente de Relações com Investidores da Petrobrás, Paulo Campos, que fez a palestra "Petrobrás: estratégia de crescimento e rentabilidade" no auditório do CSE. A empresa de petróleo - ao lado do banco Itaú, da

Cemig, da Fepese e da CMA - é patrocinadora do laboratório.

O Labmec/UFSC tem como público os alunos, professores e servidores envolvidos com atividades de pesquisa, elaboração de trabalhos acadêmicos, treinamentos e demonstrações na área de economia. A expectativa é de que por meio de cursos, palestras e simulações de aplicação em Bolsas de Valores e de Mercadorias o laboratório aproxime estudantes, empresas e profissionais do segmento, que é cada vez mais importante para a vida das organizações. A estrutura é composta por 34 computadores, monitores e TVs de LCD e data-show.

De acordo com a professora Elizabete Simão Flausino, coordenado-

ra do Labmec, a intenção do grupo que criou o laboratório é "tornar mais conhecido e fomentar o mercado de capitais, especialmente entre os jovens, que serão os futuros investidores". Conhecendo o mercado e as empresas que operam na bolsa, eles terão mais condições de aplicar seus recursos extras e ganhar, no médio e longo prazos, mais do que se colocassem o dinheiro em caderneta de poupança, CDBs e fundos de renda fixa.

A coordenadora também indica os requisitos para que esses jovens se tornem investidores bem-sucedidos: identificar seu perfil (para saber como agir diante dos humores do mercado), ter uma renda não comprometida para aplicar sem pressa pelo retorno e conhecer o funcio-

namento do mercado, das bolsas e das empresas. Manter-se bem informado e ter noção dos riscos embutidos nas aplicações também ajuda a tomar as decisões mais corretas.

O mercado de capitais vem se tornando, cada vez mais, uma boa opção de investimentos para pessoas físicas, como fonte de captação de recursos para financiamento de projetos por parte do setor produtivo. Estudos indicam que do ano 2000 para cá o número de aplicadores individuais passou de 80 mil para 500 mil no Brasil. Isso aumenta a importância do Laboratório de Mercado de Capitais, que vem realizando cursos e eventos periódicos para interessados no assunto. O site do Labmec é www.labmec.ufsc.br

Boitatá de Cascaes vai compor o universo visual da UFSC

Campus foi escolhido como espaço multiuso para receber a obra, que homenageia os 100 anos de Franklin Cascaes

Mara Paiva
Jornalista na Agecom

Uma escultura de 13 metros de altura representando o ente folclórico conhecido como boitatá vai integrar o espaço visual da UFSC. Projetada pelo artista plástico Laércio Luiz da Silva, a obra "Boitatá Incandescente" possui estrutura metálica e será construída a partir de vigas de ferro em forma de I retiradas da ponte Hercílio Luz durante os trabalhos de reforma. A escultura ficará no lago entre os Centros de Cultura e Eventos e de Convivência e tem inauguração marcada para o dia 18 de dezembro, quando a Universidade comemora seu 48º aniversário.

O projeto "Boitatá na Ilha da Magia" foi idealizado por Laércio Luiz há 10 anos, com o objetivo de homena-

gear um grande nome da terra, o artista e pesquisador Franklin Cascaes. A obra faz uma releitura dos escritos do folclorista acerca do boitatá, entidade cuja gênese o museólogo Gelcy Coelho, o Peninha, identificou na cultura de base açoriana, que "foi influenciada por aspectos do imaginário dos indígenas e africanos". O arquiteto e professor César Floriano dos Santos, colaborador de Laércio Luiz no projeto, ressaltou que a obra possui uma "linguagem altamente contemporânea" e será montada de forma a ser bem visualizada e fotografada pelos visitantes da Universidade.

Participam do processo de elaboração final da obra professores e alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e Engenharia Mecânica da Universidade. No lança-

mento, o reitor Alvaro Prata disse que o projeto faz parte das iniciativas que visam à humanização do campus e que "o boitatá dará mais visibilidade e proteção à Universidade". Ele ressaltou que a UFSC sedia atualmente mais de um evento por dia, em média, e que no presente caso junta o lado artístico com o tecnológico, que se complementam dentro da instituição.

Outras informações: 3721-9360, ou com Laércio pelo fone 9060-6890.



Foto: Jones Bastos



Foto: Paulo Noronha

(à esq.) César Floriano, Luiz Roberto Barbosa e o reitor Alvaro Prata observam a maquete do local onde ficará a obra; (centro) o artista Laércio Luiz tendo ao fundo o lago que abrigará o boitatá, e a maquete da escultura (dir)



"Aos que me contaram estórias e histórias; aos que me acolheram com o valor cultural do calor humano; aos que me hostilizaram, a todos enfim o meu obrigado". (Franklin Cascaes – 16/10/1908 – 15/03/1983)

Autodidata que se fez escultor, etnógrafo, folclorista, ceramista, cronista, o professor Franklin Cascaes, seu Franquinho como era conhecido nas freguesias da Ilha, registrou através da arte aspectos da cultura popular, das origens, do linguajar, das religiões e dos costumes do povo da Ilha de Santa Catarina. Natural do Bairro de Itaguaçu, na época pertencente ao município de São José e hoje incorporado a Florianópolis, o "manezinho" se distinguiu pela visão arguta, pela sensibilidade que lhe permitia perceber já no remoto ano de 1946, então com 38 anos, a importância de preservar a linguagem, registrar os costumes e conservar o meio ambiente.

Apesar da obra de Franklin Cascaes ter sido usada principalmente para sedimentar a cultura da bruxaria, Hermes José Graipel Junior, mestre em ciência da informação e diretor de Pesquisa do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral, da UFSC, destaca que este tema representa a menor de todas as coleções do artista. Em sua avaliação sobre a relevância do legado de Franklin, Hermes ressalta o farto

material documental, registros de quatro décadas da história dos habitantes de todo o litoral norte de Santa Catarina. Uma contribuição que marcou o nome do artista na história do Estado, unindo uma legião de admiradores que comemoram este ano o centenário de nascimento do mestre.

Se não é verdade que o tema bruxas centraliza as elucubrações do artista, também não é verdade que ele tenha se fixado apenas em resgatar a cultura açoriana. Franklin registrou os costumes e tradições de todos os povos presentes na terra, inclusive a etnia açoriana que era a predominante. Estátuas com coloração mais pigmentada e a Igreja do Rosário, por exemplo, reproduzem a intervenção negra. A presença da cultura Guarani também não escapou ao olhar aguçado de Franklin, em representações como a do boitatá.

A habilidade manual (ele era professor de educação artística na então Escola Industrial, atual CEFET), permitiu ao artista escrever esta história principalmente através de esculturas e desenhos, com a reprodução de imagens de bois-de-mamão, de rendeiras, da festa do Divino Espírito Santo, das

questões do cotidiano, das profissões executadas na época, e de tantos outros elementos de expressões culturais do povo. A Universidade Federal de Santa Catarina é responsável pela conservação deste acervo, composto por 245 desenhos, 1.200 esculturas e 98 cadernos com anotações.

Hermes destaca a importância do acervo doado por Cascaes à UFSC como uma fonte inesgotável de informação, e classifica como os maiores marcos da obra os registros sobre o processo de industrialização, o impacto da fundação da UFSC e a construção da BR-101. O legado artístico de Cascaes subsidia uma infinidade de pesquisas e é conservado no Museu Universitário devido à intervenção do antropólogo e indigenista Sílvio Coelho. Em 1970, então diretor do Museu, este homem de refinada sensibilidade ao conhecer a obra de Cascaes conseguiu dimensionar sua relevância e se empenhou em realizar a aproximação do artista com a UFSC. A boa acolhida no meio acadêmico levou o artista a destinar todo seu acervo, nomeado Elisabeth Pavan Cascaes, à instituição.

Entre os 92 cadernos com anotações deixados por Cascaes, a maioria per-

manece intacta. São edições exclusivas. A reprodução destes registros exige completa transcrição, porque o uso de xerox ou scanner danificaria os originais, tarefa que em função da falta de pessoal o Museu ainda não pôde executar. Outra dificuldade encontrada para conservar os trabalhos do artista está relacionada com o material que ele usava para criar, onde se incluí até mesmo papel de embrulho. A necessidade de recursos financeiros para garantir condições ideais de conservação desta obra, bem como de todo o patrimônio do Museu, exige muito empenho dos profissionais que lá atuam. A solução vem através da parceria com outras instituições, da busca de apoio da iniciativa privada e da constante participação em editais de fomento à cultura, com apresentação de projetos. Entre as conquistas da equipe do Museu nesta batalha do dia-a-dia está a construção de um salão de exposições com 1.200m², ainda em obras, uma dimensão que o coloca como o segundo maior espaço em Museus Universitários no Brasil, inferior apenas ao da UFPR (M.P.).

Outras informações: 3721-8821 e 3721-9325.

Vestibular 2009: confira os locais

Quase 31 mil inscritos disputam 4.571 vagas nos dias 7, 8 e 9 de dezembro em dez cidades catarinenses

A Comissão Permanente do Vestibular (Coperve) informa que os candidatos já podem conferir no site www.vestibular2009.ufsc.br os locais onde farão as provas, nos dias 7, 8 e 9 de dezembro, nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Camboriú, Chapecó, Criciúma, Itajaí, Joaçaba, Joinville, Lages e Tubarão. Já o dia 10 de novembro é a data-limite para os candidatos que tiveram sua inscrição indeferida entrarem em contato com a Coperve – após essa data, o indeferimento será definitivo.

O site também disponibiliza a relação de candidatos/vaga dos 70 cursos da instituição e outras informações relevantes para quem deseja estar na Universidade Federal de Santa Catarina em 2009. Nesta edição, o concurso, que teve 30.859 inscritos, oferece 4.571 vagas. A primeira prova, no dia 7 de dezembro, inclui as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Estrangeira e Redação. No dia 8, acontecem as provas de Biologia, Geografia e Matemática. No dia 9 de dezembro, o concurso será concluído com as questões de Física, História e Química. As provas serão sempre das 15h às 19h.

Com 42,95 candidatos por vaga, o curso de Medicina continua liderando o ranking de inscrições do Vestibular. Complementam a lista dos 10 cursos mais procurados Arquitetura e Urbanismo (14,31 candidatos por vaga), Direito diurno (13,42), Jornalismo (11,75), Engenharia Civil (11,61), Engenharia Química (11,06), Engenharia Mecânica (10,71), Direito noturno (10,47), Oceanografia (9,90) e Relações Internacionais (9,85). Este último é um curso novo, que entra pela primeira vez no Vestibular, enquanto Oceanografia foi uma das novidades do Vestibular 2008.

Florianópolis responde por 68,02% dos inscritos, com 20.989 candidatos. Dentro do Programa de Ações Afirmativas, 990 inscritos (3,21% do total) se auto-declararam negros, 5.806 entraram na cota dos egressos de escolas públicas (18,81%) e houve 14 inscrições de indígenas (0,05%). Houve o deferimento de 2.786 isenções para o pagamento da inscrição, sendo que, dessas, 287 não foram efetivadas pelos beneficiários, o que significa que 2.499 candidatos foram total ou parcialmente isentos de taxa nesta edição do Vestibular (P.C.).

Mais informações podem ser obtidas com a equipe da Coperve, no telefone (48) 3721-9200.

Liderança na Língua de Sinais

Evento que atraiu mais de 400 pessoas terá nova edição em 2011, também em Florianópolis

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

O I Congresso Nacional de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Língua de Sinais, realizado no início de outubro em Florianópolis, ajudou a consolidar a liderança da Universidade Federal de Santa Catarina no processo de difusão e aplicação da Língua de Sinais no Brasil. O congresso, que atraiu mais de 400 pessoas e teve palestras, oficinas e debates com pesquisadores nacionais e estrangeiros, serviu para trocar informações e mostrar os resultados das pesquisas realizadas no Programa de Pós-graduação em Tradução da UFSC, divulgando as investigações que vêm aprimorando o trabalho de interpretação/tradução de Língua de Sinais.

De acordo com a coordenadora do curso de Letras-Libras da UFSC, Ronice Müller de Quadros, o congresso tinha as metas de socializar a produção de conhecimento na área e qualificar a formação de professores e pesquisadores nos cursos de Letras-Libras no país. Seu foco foram os intérpretes e tradutores de Língua de Sinais, profissionais que “vêm se destacando em decorrência do alto índice de pesquisadores e acadêmicos surdos no espaço universitário”. Porém, apesar da visibilidade lingüística presente na atuação do intérprete e do tradutor, a atenção dispensada a esses profissionais ainda é reduzida, embora seja fruto de muitos esforços realizados no meio acadêmico.

A professora considerou “excelente” o nível das palestras, incluindo a realizada pela professora Trudy Schafer, da Northeast University, de Massachusetts, EUA, que falou sobre o modelo Cokely do processo de interpretação. O presidente da World Association of Sign Language Interpreters (Wasli), Juan Carlos Druetta, também participou, abordando o papel do intérprete surdo

para os povos surdos.

Voltado para intérpretes e tradutores de Língua de Sinais, surdos e outros interessados no tema, o congresso procurou estimular mais profissionais de interpretação e tradução a apresentarem suas pesquisas e os resultados obtidos nas áreas da educação, tradução e lingüística e, também, traçar metas e objetivos de organização e formação para profissionais neste campo.

Reconhecimento – A UFSC é referência em Língua de Sinais, em lingüística voltada para este segmento e, agora, também em estudos de tradução e interpretação em Libras. Por isso, existe a intenção de realizar o congresso sempre em Florianópolis, assegurando a sua periodicidade.

Além dos cursos presenciais, a Universidade coordena cursos a distância em 17 instituições de ensino do país, incluindo a Universidade de São Paulo (USP), a Unicamp e a Universidade de Brasília (UnB). As universidades federais de Goiás e Mato Grosso já buscam subsídios para implantar cursos próprios, mas enfrentam a falta de pessoal especializado – lacuna que a UFSC está tentando suprir, por meio de sua pós-graduação em Tradução. “Aqui também precisamos de concurso para os cursos presenciais em 2009”, informa a professora Ronice.

Além do da licenciatura e do bacharelado, a UFSC oferece o primeiro programa em nível de pós-graduação em Tradução em Língua de Sinais (PGET) do país, o Programa de Pós-graduação em Lingüística (PPGL) e o Grupo de Estudos Lingüísticos Surdos, todos vinculados ao Centro de Comunicação e Expressão, onde funciona também o Grupo de Estudos Surdos (GES).

“Desde o início, trabalhamos harmonicamente com o ensino, a pesquisa e a extensão, de forma estruturada, o que talvez explique o fato de estarmos na dianteira”, diz

Ronice. A Lei de Libras (nº 10.436) é de 2002, regulamentada pelo decreto 5.626, de 2005, ano em que a UFSC implantou o seu curso. “Nossas ações são desdobramentos do decreto”, afirma a professora.

O próximo congresso, marcado para 2011, também será realizado na UFSC, mas Ronice de Quadros acredita que ele terá amplitude maior, atraindo participantes de toda a América Latina e exigindo espaços mais amplos do que os utilizados agora para comportar todos os interessados. “Queremos manter o caráter tri-anual do evento, para que as pesquisas realizadas na área possam ser apresentadas”, afirma.

Uma das metas da professora Ronice é garantir que a Universidade realize concurso para a contratação de professores para as aulas presenciais, que hoje prestam serviços em caráter temporário, sem vínculo oficial com a instituição. Também é objetivo do grupo da UFSC que as escolas públicas contratem, como manda a lei, professores bilíngües e professores com o português como segunda língua, que se juntariam aos professores e intérpretes de Língua de Sinais que já existem em alguns estabelecimentos. “Isso promoveria uma efetiva inclusão dos alunos surdos ao processo educacional”, afirma ela. Única profissional da Universidade com especialização na área, Ronice de Quadros sonha com cursos de Pedagogia bilíngüe e de Português como segunda língua para surdos na instituição. Mesmo com as dificuldades, ela afirma que a reitoria e o Centro de Comunicação e Expressão têm demonstrado boa vontade e apoiado todos os pleitos do curso de Letras-Libras.

O curso de Letras-Libras tem um site (www.libras.ufsc.br) onde podem ser encontrados textos, publicações, imagens, vídeos, jogos e informações diversas. O telefone para contato é (48) 3721-6568.

Foto: Jones Bastos



Congresso: estímulo para intérpretes e tradutores compartilharem ações e pesquisas

Ombudsman

Isso de Comunicação e Extensão

Das três pernas da Universidade – Ensino, Pesquisa, Extensão –, essa última tem o maior componente democrático e carga de generosidade quase sagrada.

Penso que estou, afinal, tentando fatalmente ensinar o Padre Nosso ao vigário sabendo que a Universidade, em todos os seus níveis, discute essas questões com muito mais profundidade e propriedade.

Mas é que, como o observador, às vezes distante, do papel da Universidade (principalmente da Universidade Pública), eu realmente me encanto com a importância sócio-político-educacional da Extensão. Talvez a única, das “3 pernas” que a Universidade, como unidade de vizinhança, pode fazer crescer e se multiplicar independente de MEC, de governo, do escambau. Só dispondo de si.

O Ensino tem o paradigma e os parâmetros da formação de profissionais que o mercado modela. A Pesquisa dependência, no Brasil, de uma reorganização do sistema de “Unidades Completas” para um projeto de unidades sucessivas e complementares, com um plano nacional de prioridades científico-tecnológicas que estamos longe de ter.

Já no campo da Extensão, a Universidade está com a faca e o queijo na mão (talvez com menos queijo do que deveria, mas, afinal, não se pode querer tudo...)

Tudo parte do grande capital que a Universidade dispõe: o seu material humano, visto sempre (ou quase sempre) com respeito e admiração pelo povo que a circunda. A Universidade tem no cordão de apoio um selo de qualidade e de grandeza dos fatos feitos da comunidade, da vizinhança, da cidade.

E isso é um fator importante de construção e cidadania.

Ao apoiar, valorizar, comemorar manifestações autênticas do povo, seja ao nível social e político, seja principalmente do campo das artes e do artesanato, a Universidade está reforçando psicologicamente no mesmo povo, como a dizer-lhe “ Isso mesmo. A festa do boi-de-mamão de que vocês gostam, nós gostamos também, e achamos coisa muito importante!”.
A Universidade, a escola em geral,



Participação dita o novo rumo da UFSC

Semana Ousada de Artes veio para ficar



Teto para estudantes carentes - p. 5
Qualidade para quem contraiu o HIV - p. 8
Saber com mais Ciência e Tecnologia - p. 10

pode cometer assassinatos culturais imensos quando se aparta do povo e se encastela. Há um exemplo triste no Mato Grosso: as escolas do ensino fundamental cuidam de corrigir as crianças do Pantanal e das áreas de fronteira que “falam errado” ao transformar o jota em “d jota” e o peixe em “petxe”. Querem que elas falem “certo”, quer dizer, igual às moças da novela. Um crime!

Prof. Faracco, da Federal do Paraná, linguísta de respeito nacional, diz que a idéia de que certas pessoas, ou certas regiões, “falam errado”, é bobagem ou pedantismo. “Língua certa é a que funciona”, afirma ele: o resto é arrogância.

Há muitos canais de que a Universidade pode se servir para fazer extensão cultural. Um deles, dentre os mais importantes, é o *Jornal Universitário* e outras formas que derivam do núcleo da comunicação e jornalismo.

É gratificante ver, de um ponto qualquer aqui do Centro-sul, como o *Jornal Universitário* vai ao encontro do povo, em suas diferentes manifestações, o que faz com que sua voz seja ouvida e respeitada. Sem perder a função acadêmica.

Jornal às vezes amola, machuca, incomoda. Não raro faz injustiça. Mas se há nele uma coerência de política pública de comunicação, ela é exercida com honestidade e transparência (dando muitas vezes a cara pra bater), o jornal acumula respeito interno e a admiração fora. Um caso exemplar.

José Hamilton Ribeiro

Ganhador de sete *Prêmios Esso*, autor do livro *O Gosto da Guerra* e repórter especial do *Globo Rural*

JU dos leitores

“As universidades públicas têm a responsabilidade social de gerar e compartilhar conhecimentos para a promoção do desenvolvimento sustentável do país. O conceito de inovação veio acentuar a importância das relações entre acadêmicos, agentes econômicos e sociais visando à valorização dos recursos ambientais e a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Daí se realçar, também, a importância da FEESC - Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina - como instituição de apoio às funções de pesquisa e extensão da UFSC e de interface com a sociedade...”

Antônio Diomário de Queiroz

Ex-reitor da UFSC e presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesc)



Imagem

A iniciação científica começa cedo na UFSC. O flagrante foi colhido na Sepex pelo fotógrafo Jones João Bastos, da Agecom.

Conceitos básicos para desvendar discursos

Coletânea que traz a colaboração de vários investigadores nas mais diversas áreas referentes à análise de discurso anglo-saxã, desde a análise teórica à aplicação textual, à tradução, à lexicografia, passando pelas áreas de discurso forense e de estudos de gênero, *Desvendando discursos: conceitos básicos*, organizado por Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Leonor Scliar-Cabral, é um dos mais recentes lançamentos da Editora da UFSC (EdUFSC).

Segundo as organizadoras, é uma obra produzida a partir da análise crítica do discurso que esclarecerá as noções básicas com exemplos práticos à clínica psiquiátrica, às narrativas, ao letramento, à mídia, à publicidade, à aquisição da linguagem e ao exame do preconceito racial e dos textos contra a mulher, boa opção para alunos e professores de graduação dos cursos de letras, linguística, tradução, psicologia, direito, jornalismo, publicidade, ciências sociais, filosofia, antropologia e aos respectivos programas de mestrado e doutorado.

Caldas-Coulthard e Scliar-Ca-

bral lembram que já foram publicados muitos livros no Brasil sobre análise do discurso, mas algumas abordagens são tão obscuras que ninguém entende nada. “A carência de material em Língua Portuguesa em análises discursivas sob o enfoque das correntes anglo-saxônicas e a maior divulgação de trabalhos de pesquisadores brasileiros na área tornam mais do que necessária esta edição. Há uma evidente falta de material didático para cursos de graduação e pós-graduação e repetição de temas e abordagens.”

Destaque para o artigo que trata da linguística forense, provando que a análise do discurso não é assunto unicamente acadêmico, mas tem aplicação prática para elucidar questões como a autoria e a fraude perante o júri, além de auxiliar na clínica psiquiátrica. Um dos autores, Malcolm Coulthard, foi um dos fundadores da Análise do Discurso. O lançamento aconteceu durante o 4º Congresso da Associação de Linguística Sistemico-Funcional da América Latina (Alsfal), realizado no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

Marca registrada

Coroando o sucesso do Projeto Grife UFSC, viabilizado pela Agecom, foi publicado o registro da marca, criada especialmente para uso comercial da imagem da Universidade em produtos de vestuário, brindes, pastas e vários utilitários.

“O registro da marca da Grife UFSC nos dá mais segurança e resguarda a identidade e a propriedade da Universidade perante sua marca, impedindo seu uso indevido”, assinala o reitor Alvaro Prata.

O registro foi publicado na *Revista 1969* do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) em 30 de setembro de 2008, na página 1050, e foi gerenciado pela equipe do Departamento de Propriedade Intelectual (DPI) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC. O departamento auxilia e incentiva os setores da UFSC a registrarem suas criações e pesquisas e está à disposição da comunidade universitária.

O feito foi comemorado pela direção da Agecom, que reconheceu o apoio recebido do ex-reitor Lucio José Botelho e destacou o empenho da equipe do Sistema de Identidade Visual, pilotada por Vincenzo Berti.



Foto: Paulo Noronha

Sob nova direção

Deise de Oliveira Rita, que já administrava com desenvoltura a Moradia Estudantil, assumiu o desafio de tocar e melhorar o Restaurante Universitário. Entrosada com o pró-reitor Cláudio Amante, substituiu Carlos Natividade, que continua prestigiado.

Estratégias de *vida*

Pesquisas focadas nas relações entre bromélias, pássaros e insetos ajudam a entender a Teoria da Evolução

Letícia Arcoverde

Bolsista de Jornalismo na Agecom

A Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC foi um dos mais de oito mil eventos realizados em quase 400 cidades brasileiras durante a Semana Nacional de Ciência & Tecnologia, de 20 a 26 de outubro. Todos os anos o encontro nacional tem um tema relacionado à importância da ciência e da tecnologia na sociedade. Já tratou de criatividade, inovação e do Planeta Terra. Em 2008, teve como lema 'Evolução e Diversidade'.

A escolha do tema marca o aniversário de 150 anos da teoria de seleção natural, de Charles Darwin. Em seus estudos, Darwin tentou imaginar porque algumas espécies teriam sucesso em se manter ao longo do tempo, e outras não. A reflexão o levou a formular a idéia de seleção natural, onde o ambiente seria responsável por selecionar os animais que melhor se adaptassem a ele. Dessa forma, enquanto os menos aptos morreriam antes de se reproduzir, os outros deixariam descendentes que tornariam suas características dominantes. Esse processo explica a idéia de Evolução.



Foto: Rafael Kamke

Na UFSC, durante a sétima edição da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (7ª Sepex), o estande 'Fauna de Insetos na Mata Atlântica: Biodiversidade e Interações' apresentou resultados de uma pesquisa que pode ajudar a entender esse conceito. Desenvolvido desde 2002 pelo professor Carlos Brisola Marcondes, do Departamento de Microbiologia e Parasitologia, e pelas professoras Josefina Steiner, do Departamento de

drome de ornitofilia – adaptação das plantas para atrair pássaros para a polinização. Na pesquisa desenvolvida na UFSC, entre seis espécies de bromélias estudadas, apenas uma não é polinizada por beija-flores. Esse pássaro é considerado o melhor agente polinizador – aquele que leva o pólen de uma flor a outra com maior eficácia, possibilitando a reprodução. Estudos que levam em conta o conceito de co-evolução indicam que, pela necessida-

la regularmente, numa rota quase fixa, realizando a polinização", explica a professora Anne Zillikens. Segundo ela, adaptações como essas se caracterizam como estratégias de vida.

As bromélias oferecem outros exemplos para a Teoria da Evolução. Como são plantas epífitas (crescem sobre outras espécies), desenvolveram habilidades refinadas para conseguir os elementos essenciais para a sobrevivência. Estar no alto das copas das árvores gera certas vantagens, porque, além de estar protegida, a planta tem maior acesso à luz. No entanto, as bromélias não possuem raízes compridas o suficiente para chegar ao solo e absorver água e nutrientes, necessários para realizar a fotossíntese e crescer. Além disso, no alto há mais vento e calor, e a água evapora mais rapidamente.

O tanque formado pelas folhas da bromélia ajuda a suprir estas dificuldades. Como ele armazena a chuva, é justamente a partir dele que essas plantas obtêm água. As escamas existentes em suas folhas possibilitam que o líquido seja absorvido, e o revestimento de uma camada de cera evita a transpiração em excesso. As raízes têm apenas a função de fixar a planta no solo ou nos galhos de árvores. Por isso, é comum ver bromélias se desenvol-

rem em pedras – ao contrário da maioria das plantas, elas não precisam da terra para obter água e sais minerais.

Os nutrientes também são obtidos através dos tanques de água, que atraem pererecas e inúmeros insetos (a pesquisa da UFSC identificou cerca de 300 espécies diferentes em seis bromélias). Essa fauna se alimenta de folhas e outros materiais orgânicos que caem entre as folhas das bromélias, e deposita suas larvas nesse ambiente. Ao mesmo tempo, as fezes desses animais fornecem nutrientes de que a bromélia precisa.

Além de estratégias para se alimentar, as bromélias desenvolveram outras para garantir que a reprodução aconteça na copa das árvores e as sementes germinem no alto. As plantas produzem frutos atrativos para animais, como aves e pequenos mamíferos, que comem e defecam as sementes nos galhos. Algumas espécies utilizam o vento para dispersar as sementes, que são pequenas, leves e numerosas – há cerca de 200 em cada uma das flores que formam sua inflorescência. Facilmente levadas pelo vento, as sementes ainda possuem uma espécie de apêndice, que gruda em galhos de árvores. Todos mecanismos explicados pela teoria de Charles Darwin.

"Se a planta sempre tiver néctar disponível, o beija-flor passa a visitá-la regularmente, numa rota quase fixa, realizando a polinização"

Biologia Celular, Embriologia e Genética, e Anne Zillikens, da Universidade de Tübingen (Alemanha), o estudo é focado nas relações entre as bromélias da Mata Atlântica, os insetos e pássaros que interagem com essas plantas. O trabalho coloca em evidência o conceito de co-evolução, usado quando as adaptações acontecem a partir da interação entre as espécies.

Um exemplo de co-evolução observado nas bromélias é a chamada sín-

de de atrair essa ave, algumas bromélias desenvolveram atrativos, como flores em forma de tubos estreitos adaptados aos bicos. Também têm flores com cores atraentes para os pássaros (como o vermelho e o amarelo) e produzem grande quantidade de néctar durante todo o dia – o que atende à necessidade do beija-flor, que possui um metabolismo acelerado e precisa se alimentar duas ou três vezes por hora.

"Se a planta sempre tiver néctar disponível, o beija-flor passa a visitá-

Foto: Simone Grohme



Foto: Anne Zillikens



Foto: Simone Grohme



Como as bromélias não possuem raízes compridas para absorver nutrientes, suas folhas formam um "tanque" encarregado de captar a água